

Iúri Lotman: entre biografia e obra

Ekaterina Vólkova Américo¹

Abstract: The present work aims to contextualize the work of the culture and literature scholar, Russian philosopher and critic Yuri Lotman, starting with his education at the University of Leningrad and concluding by his activity as professor of Russian literature at the University of Tartu and the creator of the semiotics of culture.

Keywords: Yuri Lotman; semiotics of culture; Tartu-Moscow Semiotic School; Russian literature and culture

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo contextualizar a obra do estudioso da cultura e literatura, crítico e filósofo russo Iúri Lótman, iniciando pela sua formação na Universidade de Leningrado e concluindo por sua atividade como professor de literatura russa na Universidade de Tártu e criador da semiótica da cultura.

Palavras-chave: Iúri Lotman; semiótica da cultura; Escola Semiótica de Tártu-Moscou; cultura e literatura russa

Atualmente o nome de Iúri Mikháilovitch Lotman (1922-1993) é conhecido no mundo todo e suas obras são traduzidas para muitas línguas estrangeiras. Sua área de atuação foi tão ampla que é impossível definir em uma palavra qual teria sido sua ocupação principal: semioticista, estudioso da literatura e cultura, historiador? Seu método de estudo das questões literárias e culturais representa uma miscigenação de todas essas disciplinas, ou então sua interação, o diálogo entre elas. A interdisciplinaridade é o traço mais importante não só da obra de Iúri Lotman, mas também da época na qual esteve inserida a sua criação.

Iúri Lotman nasceu em 1922, em uma família de intelectuais petersburgueses de origem judaica. Na escola, ele não se interessava tanto pela língua e pela literatura como pela entomologia, sobre a qual escreveu em sua autobiografia *Não-memórias*:

O misterioso e assustador mundo dos insetos que me atrai até hoje causa em mim uma estranha sensação: acho que justamente os insetos, com sua evolução extremamente lenta e surpreendente força de sobrevivência serão os últimos a povoar o nosso planeta. Eles, sem dúvida, são dotados de um mundo inteligente, porém, ele para sempre permanecerá fechado para nós (Lotman, 1992).

¹ Tradutora e pesquisadora, formada em História, Literatura e Cultura Russa e Espanhola pela Universidade Estatal de Ciências Humanas de Moscou. Possui mestrado e doutorado pela Universidade de São Paulo, FFLCH, em Literatura e Cultura Russa. O artigo aqui apresentado é parte integrante da tese de doutorado intitulada *Alguns Aspectos da Semiótica da Cultura de Iúri Lotman* (FFLCH/USP, São Paulo: 2012), financiado pela Capes. Endereço eletrônico: katia-v@ya.ru

Em sua última entrevista, Lotman também comenta sobre essa paixão não realizada:

Em minha vida houve um período em que eu pretendia ser não um filólogo, mas um entomólogo. Eu sei pouco sobre esta área, não a entendo muito bem, mas acredito tratar-se de uma esfera que deve ser traduzida por meio de fórmulas mais adequadas à nossa compreensão, e, se isso for possível, pelo visto, não acontecerá em um futuro acessível (Lotman, 1993).

Na mesma entrevista, ele ainda fez uma comparação com a orientação para a coletividade própria dos seres humanos e dos insetos, ou seja, os conhecimentos entomológicos também lhe serviam como base e material para a análise da cultura humana. O curioso é que esse interesse pela entomologia é um traço relativamente comum entre os escritores russos: podemos lembrar-nos de Lev Tolstói, que criava abelhas em Iásnaia Poliana e usava as suas observações entomológicas para a descrição dos processos sociais, como no caso de *Guerra e Paz*, ao comparar a Moscou abandonada por seus habitantes com uma colmeia sem a rainha. Vladímir Nabókov levou o interesse pelos insetos tão a sério que, embora sendo autodidata, descobriu 20 novas espécies de borboletas e escreveu 18 artigos científicos sobre o assunto, sendo que elas tornaram-se também o objeto de sua descrição, por exemplo, no romance *A Dádiva* (*Дар*). Em 1993, a comparação entre a vida dos seres humanos e a dos insetos foi retomada no romance *A Vida dos Insetos*, de Víktor Pelévin, que representa uma alegoria da sociedade russa dos anos 1990.

Lotman concluiu a escola com o “diploma vermelho”, ou seja, com notas excelentes. Provavelmente, o fato de sua irmã mais velha, Lídia Lotman (1917-2011), estudar na Faculdade de Filologia da Universidade de Leningrado tenha contribuído para a sua escolha: em passar do interesse pela entomologia para o interesse pela filologia. Lotman se tornou estudante da mesma faculdade em 1939. Naquela época, a universidade concentrava os maiores nomes das ciências humanas na Rússia: o curso de introdução aos estudos literários era ministrado pelo historiador da literatura, crítico e escritor Grigori Gukóvski (1902-1950), que se dedicava principalmente aos estudos da literatura russa dos séculos XVIII e XIX, nos quais destacava o paralelismo entre o esquema tradicional literário “classicismo – romantismo – realismo” e a tríade “estado – personalidade – povo”. Os estudos do folclore na universidade eram lecionados por

Mark Azadóvski (1888-1954), autor da volumosa obra *História da Folclorística Russa* (*История Русской Фольклористики*), publicada entre 1958 e 1963, e Vladímír Propp (1895-1970). Em *Não-memórias*, Lotman destaca o seu interesse pelo folclore:

No primeiro ano eu me interessei pelo folclore: frequentava as aulas complementares de Mark Konstantínovitch Azadóvski e tive um comparecimento muito oportuno no seminário de Vladímír Iákovlevitch Propp. (Propp apresentava apenas os seminários, já Azadóvski lecionava: ambas as aulas eram extremamente interessantes) (Lotman, 1992).

Aliás, o primeiro trabalho anual escrito por Lotman na universidade foi elaborado justamente sob a orientação de Propp. Foi então que teve início o caráter interdisciplinar e versátil dos estudos lotmanianos. A Universidade de Leningrado teve um papel importantíssimo em sua formação como estudioso da cultura e da literatura.

Em outubro de 1940, após concluir o primeiro ano na universidade, Lotman foi recrutado para servir no exército soviético. Por ter iniciado o serviço militar um ano antes de a Rússia entrar na Segunda Guerra Mundial, ele teve mais tempo de preparação para os combates do que os jovens que foram para o front logo após a conclusão da escola. Lotman participou da guerra durante os quatro anos e, junto com o exército soviético, se deslocou até Berlim. Mesmo durante a guerra, Lotman não deixou de estudar: ele aprendia francês. Além disso, a experiência militar tornou-se enriquecedora em certo sentido para ele: as particularidades da “linguagem militar” e os exemplos dessa área serviam para explicar os processos culturais e semióticos:

[...] suponhamos que você tenha um canhão que atira em um alvo que você não vê. O alvo está atrás da montanha. Tem uma montanha na sua frente, e não dá para enxergar coisa alguma. O que fazer? Então, você faz coisas simples. Coloca um posto de observação bem à esquerda e outro bem à direita e os liga através de um rádio. Um olha sob um ângulo, outro sob outro, e você vê o que está atrás da montanha. Ou seja, mudando seu ponto de vista, você o amplia. A diferença de posições fornece um certo avanço rumo à verdade (Lotman, 1993).

Quando, em 1945, a guerra acabou, Lotman continuou seus estudos na Universidade de Leningrado. Ele lembra como – “com uma voracidade de um alcoólatra” (Lotman, 1992) – se dedicou aos estudos, demonstrando um interesse especial pelos cursos e palestras do professor Nikolai Mordóvtchenko, sobre o qual escreveu posteriormente um artigo (Lotman, 2003). Nele, Lotman destacava as ligações

de hereditariedade entre as pesquisas de Mordóvtchenko e os fundadores do formalismo russo Boris Eichenbaum e Iúri Tyniánov. A descrição do método de pesquisa científica adotado por Mordóvtchenko pode ser aplicada aos trabalhos do próprio Lotman:

A dupla perspectiva, a análise da obra literária, de um lado como um monumento histórico, e de outro, como uma obra de arte, um texto de natureza especial, permitia ver os fatos literários naquela dupla combinação de historicismo e organização interna que, na etapa científica moderna, representa uma das condições obrigatórias de análise (Lotman, 1992).

A partir das aulas e conversas com Mordóvtchenko, Lotman interessou-se pela literatura e cultura russa do final do século XVIII e do século XIX. Como resultado disso, publicou diversos artigos dedicados ao tema. De acordo com o seu biógrafo Boris Egórov, já nesses primeiros trabalhos podem ser notados traços característicos de toda a obra de Lotman:

Já nos trabalhos de Iúri Míkáilovitch como estudante, em seu conteúdo e método, refletiu-se a peculiaridade do seu pensamento artístico. Antes de tudo, para ele, aluno de N. I. Mordóvtchenko, são características a sistematicidade, a variedade de assuntos abordados e a contextualidade: o fenômeno literário é analisado com uma ampla base social e histórica (Egórov, 1995).

Nos últimos anos na universidade, Lotman conheceu a sua futura esposa, Zara Mints, também estudante da Faculdade de Filologia. O primeiro encontro foi bastante cômico e não predizia em nada a futura união feliz de dois grandes pesquisadores:

Certa vez, depois da aula, vieram Zara Grigórievna com Vika Kamiénskaia e Zara Grigórievna me propôs decorar o salão para uma conferência científica próxima dedicada a Maiakóvski, desenhando, em particularidade, o seu retrato. Eu economizava todo o tempo para os estudos científicos, aos quais me dedicava com uma paixão de um alcoólatra à procura de uma garrafa. Participar desse tipo de eventos estava longe de fazer parte dos meus planos. Gaguejando muito [...] eu expliquei a Zara Grigórievna que desenhava só por dinheiro. O seu entusiasmo de komsomol² foi abalado por tamanho cinismo e ela, ao se afastar de mim com lágrimas nos olhos, pronunciou em voz alta: “Canalha bigodudo!” Assim foi a nossa primeira declaração (Lotman, 1992).

² *Komsomol*: organização juvenil do Partido Comunista da União Soviética.

No entanto, apesar do primeiro encontro perturbado, o casamento dos dois estudiosos foi feliz. Eles tiveram três filhos e trabalharam a vida inteira lado a lado na Universidade de Tártu.

Em 1950, Lotman finalizou, com excelência, seus estudos na Universidade de Leningrado. Esse tipo de diploma juntamente com as condecorações recebidas durante a guerra deveriam lhe abrir vários caminhos de trabalho, na qualidade de professor, nas melhores universidades soviéticas. Porém, os últimos anos do governo de Stálin foram marcados pela assim chamada “luta contra os cosmopolitas”. Era uma campanha ideológica realizada entre 1948 e 1953, voltada contra aquela parte da *intelliguentsia* que era vista como simpatizante do modelo capitalista ocidental. Em 1948, quando Israel estabeleceu relações diplomáticas com os Estados Unidos, os judeus soviéticos passaram a ser acusados de falta de lealdade com a União Soviética e até de contribuírem para a espionagem norte-americana. As perseguições eram direcionadas principalmente contra os intelectuais judeus. No início de 1948, o jornal *Literatúrnaia Gaziéta* chamou de “cosmopolitas” os defensores do método comparativo nos estudos literários:

O cosmopolita, rindo maldosamente, tenta “descobrir”, a todo custo, um ou outro “paralelo”, um ou outro sinal de semelhança entre a cultura russa e a do Ocidente. No esforço infame de provar que a cultura do povo russo foi “emprestada” do Ocidente revela-se toda a miséria desses falsos estudiosos da cultura, sem pátria, cuja essência interior é uma mistura de lacaios Smerdiakov de *Os Irmãos Karamázov* com o lacão Iácha de *O Jardim das Cerejeiras*, apaixonados por “tudo o que é estrangeiro”.

Como resultado da campanha, em fevereiro de 1949, os mais importantes e mundialmente conhecidos críticos literários soviéticos, todos judeus, foram acusados de impor as tendências antirrussas. Entre eles estavam: Boris Eichenbaum, Víktor Jirmúnski, Mark Azadóvski e Grigóri Gukóvski, ou seja, professores e precursores de Iúri Lotman. Todos eles perderam o emprego; já Gukóvski foi preso e morreu sem recuperar a liberdade.

A família de Lotman também era de origem judaica e, considerando a gravidade da situação, ele se viu obrigado a procurar uma instituição longe do centro político e das principais cidades da União Soviética. Eis como ele próprio se lembra desse momento:

Para mim restavam duas possibilidades: continuar à procura de trabalho em Leningrado e bater em portas fechadas, ou deixar isso e, ao lançar todas as cartas na mesa, começar um jogo totalmente novo. Escolhi a segunda (Lotman, 1992).

Essa segunda opção foi a pequena e agradável cidade de Tártu,³ localizada na Estônia. A escolha dessa cidade, que naquela época tinha cerca de 70.000 habitantes, poderia parecer um tanto estranha e até infeliz, se não considerarmos três fatores relevantes. O primeiro deles, como fora mencionado previamente, era a impossibilidade de Lotman poder lecionar nas maiores universidades soviéticas em virtude de sua origem. Em segundo lugar, na União Soviética, as repúblicas bálticas não representavam apenas partes periféricas de um enorme império, mas, de certa forma, simbolizavam a cultura ocidental, o próprio Ocidente, a Europa. Isso se deve ao fato de Estônia, Letônia e Lituânia terem sido as últimas a se juntar à União Soviética. Por isso elas conservaram certo “espírito” europeu e passaram a representar “o exterior” dentro do país. Além disso, a maioria dos soviéticos não podia visitar livremente os países da Europa capitalista, e a viagem para os países bálticos praticamente se transformava em uma chance única de conhecer a Europa. Isso sem contar que, longe do centro político, o controle era menos rígido e, portanto, havia certa liberdade de expressão e criação. Em terceiro lugar, a Universidade de Tártu, onde Lotman logo passou a lecionar, possuía uma longa história: ela fora fundada antes das principais universidades da Rússia, em 1632 (um século antes da fundação da primeira universidade russa, em Moscou, no ano de 1755). Além disso, o biógrafo Boris Egórov, apesar de chamar a escolha de Lotman de “mero acaso”, logo em seguida lembra-se das antigas relações históricas e culturais que ligavam a Rússia e a Estônia.

Dessa forma, Iúri Mikháilovitch foi para a Estônia por mero acaso, porém é necessário considerar que o atraiu não apenas a fama da cidade universitária e a ausência, quase total, de antissemitismo oficial, como também as antigas relações histórico-culturais de Petersburgo com a Estônia: pois muitos escritores e políticos russos do início do século XIX, inclusive os dezembristas, foram ligados, biograficamente e por meio da sua obra, com a Estônia (Egórov, 1995).

Já o próprio Lotman descreveu sua partida para a Estônia da seguinte forma:

³ Anteriormente Tártu foi chamada em alemão de Dorpat ou Dörpt e em russo de Iúrev ou Derpt. A cidade foi fundada pelo príncipe russo Iaroslav Múdryi (cerca de 978-1054) em 1030.

Vestido com o terno preto do meu pai, um pouco reformado, o único “festivo”, eu fui para Tártu, onde permaneci pelo resto de minha vida (Lotman, 1992).

Foi assim que ele passou a lecionar no Instituto de Ensino (Utchítelski Institut) de Tártu, a segunda cidade estoniana mais importante depois de Tallinn. Paralelamente às aulas no Instituto de Ensino, Lotman lecionava na Universidade de Tártu, à qual foi convidado como professor permanente em 1954.

Ainda em 1952, apenas dois anos após ter concluído seu curso na universidade, Lotman voltou para Leningrado para defender a tese de doutorado.

A tese, de fato, foi escrita ainda nos anos estudantis e, logo após o término da universidade, a apresentei para a defesa (parece que isso foi visto como um atrevimento, mas juro que foi pura inocência) (Lotman, 1992).

O seu tema eram as relações artísticas entre Aleksandr Radíschev, cuja vida e obra ele já havia analisado anteriormente, e Nikolai Karamzín, que se tornou centro dos seus estudos posteriores. Karamzín, juntamente com Radíschev, é considerado um dos representantes mais notáveis do Iluminismo russo. Todos os seus trabalhos dedicados a Karamzín foram reunidos em uma coletânea intitulada *Karamzín* (Lotman, 1997).

Hoje é difícil compreender a coragem do pesquisador, que se interessou por essa figura que caiu em desgraça na época soviética por ser considerado um escritor monarquista e reacionário. Ainda no século anterior, Aleksandr Púchkin via a obra principal de Karamzín, a *História do Estado Russo*, de uma maneira bem parecida com a crítica soviética:

Em sua História, a elegância e a simplicidade
Mostram-nos, sem parcialidade,
A necessidade do monarquismo
E as maravilhas do chicote.⁴

В его «Истории» изящность, простота
Доказывают нам, без всякого пристрастия,
Необходимость самовластья
И прелести кнута.⁵
(1918)

⁴ Tradução nossa.

⁵ Os estudiosos da literatura russa ainda não chegaram a um acordo em relação à questão se Púchkin realmente era o autor dessa epigrama.

Egórov também destaca o significado central das obras dedicadas a Karamzín entre a herança de Lotman como estudioso da cultura russa dos séculos XVIII e XIX:

O conjunto de trabalhos de Lotman sobre Karamzín é um dos mais significativos entre o seu legado. A revisão das opiniões unilaterais anteriores sobre Karamzín, a revelação dos elementos “republicanos” e “utópicos” na visão do mundo do jovem viajante russo, a descoberta virtuosa das datas reais, e não ficcionais e camufladas, da estadia de Karamzín em Paris durante a Revolução Francesa, a análise da complexa combinação de monarquismo e “liberalismo” peculiar nas últimas obras de Karamzín, o caráter científico-artístico da História do estado russo: essa é a lista somente das principais descobertas do pesquisador (Egórov, 1995).

De volta a Tártu, Lotman retomou todas as atividades acadêmicas com muita intensidade. Passado muito tempo, ele se lembrava daqueles primeiros anos na Estônia, em que se sentiu literalmente estranho e estrangeiro (pois lá, além do idioma oficial da União Soviética, o russo, falava-se ainda o estoniano), como de uma época muito feliz que o ajudou na elaboração de novos conceitos sobre a literatura e a cultura em geral:

A falta de conhecimento do idioma e do ambiente, bem como a imprudente ingenuidade que me acompanhou durante toda a vida, não me permitiram enxergar o caráter trágico daquelas condições as quais nos deparamos. Eu, sinceramente, via a situação como um idílio: o trabalho com os estudantes me trazia um enorme prazer, a boa biblioteca permitia, de forma enérgica, avançar nos capítulos da tese, que em geral já fora escrita, a amizade com o círculo dos jovens estudiosos de literatura, que nessa época residiam em Tártu: tudo isso criava em mim uma sensação de ininterrupta felicidade. Quatro ou seis horas de aulas por dia não me cansavam, e eu, literalmente, sentia as asas crescerem quando de repente descobria que, ao lecionar, era capaz de chegar às ideias absolutamente novas e que, no final das aulas, estavam se formando conceitos novos, até então desconhecidos por mim (Lotman, 1992).

Em outro trecho de *Não-memórias*, depois de descrever como ele, Zara Mints e o filho pequeno viviam em um quarto com baratas, Lotman concluiu:

Porém, a nossa vida era muito feliz: trabalhávamos muito, escrevíamos muito e sempre nos encontrávamos em um círculo pequeno, mas muito estreito e amigável. Eu mudei para a Universidade de vez, enquanto Zara Grigórievna trabalhava no Instituto dos professores (Lotman, 1992).

Toda a sua vida foi ligada à universidade: de 1960 a 1977 Lotman foi o chefe do Departamento de Literatura Russa até a sua transferência para o Departamento de Literatura Estrangeira, fato ocorrido em 1977. Essa transferência refletiu a preocupação do governo com as pesquisas de Lotman voltadas à semiótica, oriunda do Ocidente, que podiam ser perigosas para o estado. O próprio Lotman ironizava que apenas “o exílio de Soljenítsyn⁶ no Ocidente é capaz de explicar por que um professor de literatura russa trabalha no Departamento de Literatura Estrangeira”.⁷ Porém, mesmo sendo professor de outro departamento, Lotman continuou a lecionar no Departamento de Literatura e Língua Russa.

Apesar da inconveniente transferência, ele tinha liberdade relativa para trabalhar e pesquisar na Universidade de Tártu. Esse fato em muito se deve ao esforço do reitor da universidade, Fiódor Klement (1903-1973), entre os anos 1950-60:

Ele [...] de forma única, combinava em si o partidário funcionário soviético (era membro do Comitê Central do Partido Comunista da Estônia e deputado do Conselho Superior da União Soviética) e sincero marxista, com um homem da ciência, complacente aos jovens pesquisadores (Kisselióva, 2003).

Graças a ele, o Departamento de Literatura Russa da universidade passa a publicar anualmente (desde 1958) a coletânea *Trabalhos sobre a Filologia Russa e Eslava* (*Trudy po Rússkoi i Slaviánskoi Filologii*), que fazia parte da série *Notas Científicas* (*Utchiónyie Zapísiki*). Lotman destaca a importância dessa edição para o desenvolvimento contínuo dos estudos eslavos na União Soviética:

Quando chegamos a Tártu, as *Notas Científicas* praticamente não eram publicadas. [...] O primeiro congresso dos eslavistas na União Soviética tornou-se o pretexto graças ao qual conseguimos a permissão de Klement para publicar um volume inteiro. Era a primeira edição dos trabalhos sobre a filologia russa e eslava, foi assim que chamamos a nova série. Paralelamente consegui publicar uma monografia dedicada à vida e obra de Kaissárov.⁸ [...] Assim começaram as edições sobre os estudos eslavos em Tártu (Lotman, 1992).

⁶ Aleksandr Soljenítsyn (1918-2008): romancista, dramaturgo e historiador russo que escrevia sobre os campos de trabalhos forçados na União Soviética e por essa razão fora expulso do país em 1974.

⁷ Kisselióva, L. N. “Yu. M. Lotman como chefe do departamento de literatura russa” (“Ю. М. Лотман» — заведующий кафедрой русской литературы”). <http://www.ruthenia.ru/lotman/txt/kiseleva03a.html>.

⁸ Andrei Kaissárov (1782-1813): poeta, crítico e historiador da literatura cuja obra foi praticamente esquecida pelas gerações posteriores e reapresentada por Iu. Lotman, que tinha interesse especial em resgatar os autores esquecidos.

As *Notas Científicas* transformaram-se em uma das principais edições da Universidade de Tártu. Publicada anualmente desde 1958, a série, até o presente momento, consiste em 26 volumes com 289 trabalhos de 108 autores. A partir de 1964, passou a ser publicada igualmente outra série, *Trabalhos sobre os Sistemas Síguicos* (*Trudy po Znákovym Sistémam*), que expressava as opiniões da Escola Semiótica de Tártu, liderada por Iúri Lotman. Até agora, foram preparadas 23 edições dessa série. Além disso, também em 1964, a esposa de Iu. Lotman, Zara Mints, passou a publicar a *Coletânea de Blok* (*Blókovski Sbórník*), dedicada aos estudos do simbolismo russo. Essa coletânea inclui nove volumes, com 117 artigos provenientes de 88 autores:

A edição do primeiro volume das *Notas* foi motivada pelo congresso dos estudos eslavos, entretanto, posteriormente (e aqui é preciso agradecer ao reitor Klement), conseguimos conquistar o direito de fato à edição anual do volume completo dos *Trabalhos sobre a Filologia Russa e Eslava*, sendo que a sua edição foi realizada em um volume significativamente ampliado. Dentro de algum tempo, conseguimos ainda a permissão para a criação de mais uma série independente: série de trabalhos semióticos, que se tornou um dos principais feitos de nossas vidas: de Egórov, Zara Grigórievna e da minha... (Lotman, 1992).

Essa intensidade de trabalhos científicos, característica em geral para toda a vida de Iúri Lotman, que até os últimos anos lecionava de seis a oito horas todos os dias, possui também outra razão:

Zara Grigórievna, Boris Fiódorovitch [Egórov – E. V.] e eu combinamos o seguinte princípio: cada volume era visto como último. De fato, sempre partimos da possibilidade de destruição total e término da edição. Daí, de um lado, a intensidade dos trabalhos e do outro, às vezes, alteração de boas partes da composição: tivemos que inserir em um artigo aquilo que, em condições normais, poderia ser transformado em uma publicação separada (Lotman, 1992).

O medo de uma repentina proibição de publicar, por parte do governo soviético, explica também o caráter resumido de alguns ensaios dos participantes dessas coletâneas: eles preferiam publicar os seus trabalhos mesmo que em forma de teses a acrescentar material complementar, exemplos e explicações mais detalhadas a correr o risco de não poder vê-los impressos. Essa brevidade observa-se nas fundamentais “Teses para uma Análise Semiótica da Cultura” (Machado, 2003, p. 99-132), escritas

por Lotman em coautoria com Viatcheslav Ivánov,⁹ Aleksandr Piatigórski,¹⁰ Vladimir Toporov¹¹ e Borís Uspiénski,¹² sobre as quais refletiremos adiante.

Na coletânea, Lotman publicou alguns dos seus trabalhos dedicados à literatura do período pré-dezembrista, que posteriormente foram reunidos em sua tese de livre-docência *Os Caminhos de Desenvolvimento da Literatura Russa do Período Pré-dezembrista (Putí Razvítia Rússkoi Literatúry Preddekabrístskogo Períoda)*, defendida na Universidade de Leningrado, em 1961. O principal tema da tese é a influência do pensamento sociopolítico e da filosofia na literatura, já que nessa época a literatura ainda não era completamente independente.

O Departamento de Literatura Russa da Universidade de Tártu era, nos anos 1960, extremamente ativo e produtivo e tinha, entre os membros, o seu criador, Boris Egórov, e os professores Iúri Lotman, Zara Mints e Igor Tchernov. Os principais rumos de pesquisa eram a análise do texto poético, bem como o estudo dos diferentes modelos culturais.

Além dos estudos de literatura russa, nesse período Lotman se interessa cada vez mais pelos conceitos do estruturalismo em geral e pela nova ciência formada com base neles: a semiótica. Na mesma época, Lotman se aproximou dos linguistas e estudiosos de literatura de Moscou: em dezembro de 1962, na capital soviética, teve lugar o Simpósio de Estudo Estrutural dos Sistemas Síguicos, que tocava nos mais variados assuntos, como semiótica da linguagem e arte, mitologia e semiótica do ritual. Participaram Piotr Bogatyriov¹³, Viatcheslav Ivánov, Vladimir Toporov, Andrei Zalizniak¹⁴, entre outros. Para a ocasião, foi lançada uma pequena coletânea com teses dos pesquisadores moscovitas e resumo das suas apresentações.

O livrinho [...] caiu nas mãos de Iú. M. Lotman (que, apesar de não ter participado do Simpósio, de forma independente chegou aos mesmos problemas). Ele se interessou muito pelo folheto e, quando veio a Moscou, sugeriu colaborar na base da Universidade de Tártu (Uspiénski, 1994, p. 275).

⁹ Viatcheslav Vsiévolodovitch Ivánov (1929): linguista, um dos participantes notáveis da Escola Semiótica de Tártu-Moscou.

¹⁰ Aleksandr Piatigórski (1929-2009): filólogo e filósofo russo, estudioso da cultura oriental, um dos fundadores da Escola Semiótica de Tártu-Moscou.

¹¹ Vladimir Toporov (1928-2005): especialista em literatura, cultura e linguística, um dos fundadores da Escola Semiótica de Tártu-Moscou.

¹² Boris Uspiénski (1937): crítico literário e linguista, um dos fundadores da Escola Semiótica de Tártu-Moscou.

¹³ Piotr Bogatyriov (1893-1971): estudioso de folclore e etnografia.

¹⁴ Andrei Zalizniák (1935): linguista, um dos participantes da Escola Semiótica de Tártu-Moscou.

Assim começou uma nova etapa na biografia de Lotman: a sua participação na Escola Semiótica de Tártu-Moscou. Como esse período (anos 1960-1970) merece um estudo à parte, não nos deteremos nele neste artigo. Uma descrição detalhada das atividades e dos conceitos da Escola Semiótica, bem como da contribuição de cada um dos seus participantes, já foi realizada em várias obras dedicadas ao assunto, inclusive no Brasil, no livro de Irene Machado *Escola de Semiótica – A Experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura* (Machado, 2003). Observaremos apenas que, apesar de ser fundada e liderada por Iúri Lotman, a escola contou com a participação de muitos autores importantes, tais como: Vladímir Toporov, Borís Uspiénski, Viatcheslav Ivánov, Eleazar Meletínski e Serguei Nekliúdob, entre outros. Trata-se, portanto, de uma interação constante entre especialistas de diferentes áreas, como linguística, estudos literários, folclorística, culturologia e até mesmo ciências exatas (como, por exemplo, a contribuição de Vladímir Uspiénski, matemático e linguista).

No decênio que seguiu após o encerramento das atividades da escola, Lotman ampliou o horizonte semiótico, que agora incluía não apenas a literatura, como também a cultura em suas manifestações mais diversificadas: teatro, cinema, pintura, etiqueta de comportamento social do século XIX, funcionamento do cérebro humano, etc. Assim, em 1973, junto com Borís Uspiénski, Lotman publicou o trabalho “Mito – Nome – Cultura” no sexto volume da coletânea *Trabalhos sobre os Sistemas Síguicos*. O interesse pelos problemas tipológicos da cultura resultou no lançamento do livro *Artigos sobre a Tipologia da Cultura: Materiais para o Curso de Teoria da Literatura* (*Statí pó Tipológuii Kultúry: Materiály k Kursu Teórii Literatúry*), que teve duas edições: a primeira, em 1970, e a segunda, em 1973. Esses dois volumes, assim como *A Estrutura de Texto Artístico* (1970) e *Análise do texto poético* (1972), surgiram não apenas como resultado dos estudos pessoais do pesquisador, como também de suas atividades como professor da Universidade de Tártu – e o subtítulo *Materiais para o Curso de Teoria da Literatura* serve como prova disso. A universidade tomava muito tempo de Lotman, mas, de acordo com sua aluna Liubov Kisselióva, atual chefe do Departamento de Literatura Russa da Universidade de Tártu, ele se dedicava ao ensino o máximo possível:

Até meados dos anos 1980, ele lecionava pelo menos 10 horas por semana, porém, entre 1960-70 (quando tornou-se o diretor do

departamento) – 12-14 horas. [...] Foi muito trabalhoso convencer Lotman a diminuir um pouco a sua carga horária, e, em meados dos 1980, ele passou então a lecionar 6-8 horas por semana. Apenas nos últimos dois anos a sua carga realmente tornou-se a de um “professor emérito”: quatro e posteriormente duas horas semanais (Kisselióva, 1996).

Podemos apenas fazer suposições em relação à quantidade de trabalhos científicos que Lotman poderia ter produzido caso não ocupasse o cargo de professor e de diretor do Departamento de Literatura Russa com todos os seus deveres e responsabilidades. Porém uma coisa é certa: essa obra não seria a mesma se na sua vida não tivesse havido o Departamento e a Escola de Tártu-Moscou: de um lado, uma considerável experiência como professor universitário e, de outro, uma interdisciplinaridade enriquecedora dos colegas semiotistas. Essa ligação substancial entre a atividade de Lotman como estudioso e como professor também é destacada por Kisselióva:

Como chefe de departamento, Iu. M. Lotman teve que se encarregar de inúmeros assuntos administrativos e presenciar a reuniões infinitas que o deixavam exausto. Ele era um mestre insuperável em escrever todo tipo de relatórios, planos e informes, exigidos em abundância por várias instâncias burocráticas. Esse era o preço da possibilidade de dirigir o trabalho do departamento, determinar a estratégia da sua atividade científica e acadêmica e realizar as publicações. No final das contas, esse era o preço da possibilidade de formar a sua escola científica. Se Lotman não tivesse se esforçado tanto nas atividades universitárias – de ensino, organização, publicação e administração –, provavelmente, poderia ter escrito ainda mais do que escreveu. Porém, seriam outros trabalhos, e a Escola de Tártu não teria existido (Kisselióva, 1996).

Em 1973, foi lançada uma monografia que refletia essa versatilidade científica própria da escola de Tártu-Moscou: *Semiótica do Cinema e os Problemas da Estética Cinematográfica* (Lotman, 1973).

Dessa forma, a obra de Iúri Lotman estava dividida em dois ramos principais: um abrangia os estudos dos processos gerais da cultura e o outro focava a literatura, especialmente a russa.

No final dos anos 1980, foi gravado para a televisão um ciclo de palestras de Iúri Lotman sob o título “Conversas sobre a Cultura Russa” (*Bessiédy o Rússkoi Kultúre*). Foi um verdadeiro reconhecimento do mérito científico do pesquisador e uma

possibilidade inigualável de realizar a antiga incumbência “messiânica” dos membros da Escola de Tártu-Moscou de transformar o mundo com a ajuda de uma arma tão poderosa como os estudos da cultura e da literatura. Afinal, as palestras competiam, em termos de popularidade, com a exibição da primeira novela estrangeira na televisão soviética, *A Escrava Isaura*.

Nas palestras, de forma simples (em contraste com a linguagem “codificada” dos semioticistas de Tártu), eram narrados detalhes da vida da nobreza da época de Púchkin: seu modo de vida, tipos de serviço social, relações e regras morais e éticas. A época em que eram apresentadas essas normas de conduta moral do século XIX não era muito propícia: o país estava prestes a mergulhar no “capitalismo selvagem”, no qual a única regra seria o enriquecimento financeiro. Foi assim que a autora dessas linhas conheceu “virtualmente” Iúri Lotman, que sempre aparecia à frente de uma enorme estante repleta de livros, provavelmente em sua residência em Tártu.

A maneira como eram realizadas as palestras era cativante. Voltavam-se para um público amplo e atraíam a atenção mesmo de uma criança, que assistia a elas com muito interesse. Passados alguns anos, as palestras apresentadas na televisão foram reunidas no livro *Conversas sobre a Cultura Russa* (Lotman, 1994), cuja edição foi preparada pelo próprio autor. Infelizmente, ele não viveu até o lançamento: o volume foi publicado um ano após a sua morte.

Em 1990 foi publicado o livro *The Universe of the Mind* (Lotman, 1990), em inglês, na cidade de Londres. Em russo o título do livro é um pouco diferente, *No Interior dos Mundos Pensantes* (*Vnutrí Mysliachikh Mirov*). Em *The Universe of Mind* Lotman desenvolve o conceito de **semiosfera**, ou seja, o universo dos sistemas sógnicos, da cultura. Graças à publicação em inglês, o pesquisador, cujos artigos já vinham sendo traduzidos há décadas para outros idiomas, ganhou reconhecimento no exterior, inclusive no Brasil. Em seu ensaio “Cultura e Memória”, dedicado à abordagem da cultura feita por Iúri Lotman nesse livro, a pesquisadora Jerusa Pires Ferreira afirma:

A tese central de Lotman, em matéria de tipologia da cultura, uma das suas propostas, é a de que é possível adotar, a priori, como quadro de classificação dos códigos da cultura, sua relação do signo aos signos e aos sistemas de signos – e que a sucessão de códigos dominantes da cultura será, ao mesmo tempo, uma penetração, cada vez mais profunda, da consciência cultural coletiva, nos princípios que regem os sistemas de signos (Pires Ferreira, 1994, p. 116).

Nesse universo, o texto da cultura atua como um mecanismo gerador de sentidos. O problema do texto é analisado tanto do ponto de vista global, em que a cultura humana é compreendida como uma troca de textos entre diferentes culturas, quanto do ponto de vista “local”: são detectados textos existentes dentro de uma cultura particular, como, por exemplo, o texto da cidade de São Petersburgo¹⁵ na cultura russa. Esse texto urbano é analisado por Lotman no ensaio “A Simbologia de São Petersburgo e os Problemas da Semiótica da Cidade” (Américo, 2006), de 1984. De acordo com Jerusa Pires Ferreira, trata-se de um novo conceito de texto cultural:

O seu conceito de texto cultural, muito difundido e ao mesmo tempo incorporado na linguagem universitária, fala da cultura como um sistema de signos que organiza, de um modo e não de outro, as informações recebidas (Pires Ferreira, 1994, p. 117).

No caso desse ensaio, os estudos semióticos se juntam ao olhar de um historiador, pois, para analisar o texto de uma cidade, são necessários inúmeros detalhes do seu desenvolvimento ao longo dos séculos. Essa mistura de métodos culturológico, semiótico, filológico e, antes de tudo, histórico é um dos traços mais marcantes da análise de Lotman. Sem ela, seria impossível o surgimento do seu próximo livro, *Cultura e Explosão* (Lotman, 1992a). Tecnicamente, a maior parte do livro não foi escrita e sim ditada, pois a visão de Lotman estava gravemente afetada e ele permanecia no hospital.

Nessa obra, o pesquisador estuda uma questão que lhe interessava há muito tempo: o caráter ocasional dos acontecimentos históricos, que também pode ser chamado de explosão. A história russa é particularmente rica nessas “explosões”: revoltas, golpes e revoluções. A propensão às explosões pode ser explicada por meio de um modelo muito peculiar e de extrema importância para os estudos da cultura russa. De acordo com o autor, a Rússia, assim como era a União Soviética, é uma sociedade dotada de estrutura binária. Isto é: ela vive uma constante oscilação entre dois polos totalmente opostos. O momento da virada de uma extremidade a outra sempre é marcado por uma explosão cultural seguida pela completa destruição de todos os vestígios da ordem antiga para a construção de um novo modelo:

¹⁵ Pela primeira vez, o termo “texto” em relação à cidade de São Petersburgo aparece no ensaio de Vladímir Toporov “Sobre a Estrutura do Romance de Dostoiévski em Relação aos Esquemas Arcaicos do Pensamento Mitológico” (“О Структуре Романа Достоевского в Связи с Архаическими Схематическими Мифологическим Мышления”), de 1973. In: Toporov, V. *Mito, Ritual, Símbolo, Imagem (Mif, Ritual, Símbol, Óbraz)*. Moscou, 1995.

O ideal das culturas binárias é uma completa extinção de tudo que já existe por ser manchado por defeitos incorrigíveis. [...] Nos sistemas binários a explosão abarca toda a massa da existência. Primeiramente, ela atrai as camadas mais maximalistas da sociedade pela poesia da construção imediata de “uma nova terra e um novo céu”, por seu radicalismo. O preço que tem que ser pago pelas utopias é descoberto apenas durante a etapa seguinte. Um traço característico dos momentos explosivos nos sistemas binários é a vivência dessas explosões como um momento único na história da humanidade que não pode ser comparado com nada (Lotman, 1992a, p. 258).

Aplicado à cultura russa, o conceito da cultura binária mostra os seguintes processos:

Para a cultura russa, dotada de estrutura binária, é própria uma auto-avaliação totalmente diferente. Mesmo nos casos quando uma análise empírica revela os processos consequentes e de múltiplos fatores, no nível de autoconsciência encontramos a ideia de uma extinção total e incondicional do anterior e do nascimento apocalíptico do novo (Lotman, 1992a, p. 268).

Provavelmente, nesse desejo de exterminar o passado e criar o novo origina-se a ideia de que a tarefa messiânica do povo russo seja a salvação do mundo. Seria oportuno lembrarmos aqui a versão da famosa canção revolucionária “Internacional” em idioma russo:

Todo o mundo de violência destruiremos
Até o fundo e depois
Construiremos o nosso, o novo mundo
Quem era nada, será tudo.¹⁶

Весь мир насилья мы разрушим
До основания, а затем
Мы наш, мы новый мир построим,
Кто был ничем, тот станет всем.

O fenômeno de bipolaridade, bicentrismo, ou o caráter binário da cultura russa não pode ser considerado recente. Ele começou a ser percebido e explorado no século XIX: primeiro em relação à oposição das duas capitais russas, Moscou e Petersburgo, depois na forma de discussões entre os eslavófilos e os ocidentalistas. Naquela época,

¹⁶ Tradução nossa.

tornou-se claro que desde os tempos mais remotos a cultura russa encontrava-se em uma oscilação incessante entre as extremidades opostas: Oriente e Ocidente, monarquismo e anarquismo, etc. O diferencial da ideia filosófica de Lotman, em relação aos conceitos anteriores de bipolaridade, consiste na suposição da existência de dois tipos de cultura, binária e ternária. Se a Rússia pertence ao modelo binário explosivo, a maioria dos países europeus é do tipo ternário:

Nas estruturas ternárias as explosões mais poderosas e profundas não abarcam toda a riqueza complexa das camadas sociais. A estrutura central é capaz de sobreviver a uma explosão tão forte e catastrófica que seu estrondo, sem dúvida, retumbará em toda a massa da cultura. Porém, apesar disso, nas condições de uma cultura ternária, a afirmação dos contemporâneos e, em seguida, dos historiadores sobre uma completa destruição da antiga camada cultural será uma mistura de auto-enganação e de um lema tático. [...] As estruturas ternárias conservam alguns valores do período anterior, transferindo-os da periferia para o centro do sistema. [...] O sistema ternário tende a ajustar o ideal à realidade, enquanto o binário tenta realizar na prática um ideal irrealizável (Lotman, 1992a, p. 257-258).

Dessa forma, *Cultura e Explosão* é uma tentativa filosófica de resolver a questão que inquietava a Rússia desde o século XVIII: afinal, qual caminho o país deveria seguir: o seu próprio ou o da Europa? Nessa relação, seria interessante mencionarmos uma teoria contraditória que pertence a Dmitri Likhatchiov. Ele afirmou em diversas ocasiões que a dicotomia entre o Oriente e o Ocidente na cultura russa é um mito criado por Pedro, o Grande, com o objetivo de justificar suas reformas que visavam a enfraquecer a Igreja e fortalecer o poder do monarca. Sendo assim, a bipolaridade cultural também seria um mito, fruto da invenção de Pedro, uma vez que a Rússia, desde tempos remotos, reunia em si tanto os traços ocidentais quanto orientais. A sua principal missão é ser pacificadora e unificadora dos povos:

O traço mais característico da cultura russa, que atravessa toda a sua história milenar, desde a Rússia dos séculos X-XIII, mãe ancestral dos três povos eslavos – russo, ucraniano e bielorusso – é a sua universalidade (Likhatchiov, 1999).

No caso de *Cultura e Explosão* de Lotman, parece que a própria época em que o livro foi escrito, no início dos anos 1990, uma década tão perturbada, induzia a ideia de bipolaridade, conflitos e explosão. Era o fim da União Soviética e o início de um novo ciclo político e cultural. Assim, como já havia acontecido inúmeras vezes na história

rusa, dessa vez o início de uma vida nova também foi marcado por uma completa e violenta destruição dos resquícios do modelo anterior. Como um bom exemplo disso podemos lembrar-nos das estátuas de Lênin que foram derrubadas no país inteiro e das ruas e estações de metrô que mudaram de nome de um dia para outro com o intuito de apagar completamente o passado da memória da nação. Na opinião de Lotman, naquela época presenciávamos a transformação da cultura russa em um sistema ternário:

O processo que testemunhamos pode ser descrito como uma passagem do sistema binário para o ternário. Entretanto, não podemos deixar de lado a peculiaridade desse momento: a própria passagem é concebida dentro dos conceitos tradicionais do binarismo. [...] A passagem do pensamento orientado para as explosões à consciência evolutiva adquire, nesse momento, um significado especial, já que toda a cultura anterior tendia à polaridade e ao maximalismo (Lotman, 1992a, p. 269).

Os anos seguintes mostraram que essa transformação da cultura russa em um sistema ternário ainda levará muito tempo para ser concluída. No entanto, Iúri Lotman não teve oportunidade de acompanhar esse processo, pois, em 28 de outubro de 1993, ele faleceu.

A trajetória da atividade científica de Iúri Lotman pode ser traçada como um movimento que se iniciou a partir de figuras particulares (poetas, escritores e políticos) para depois incluir os processos culturais mais gerais. Ele começou com os estudos do Iluminismo russo e de seus representantes, porém gradualmente os seus estudos expandiram-se para todos os períodos da cultura russa: iniciando pela literatura russa antiga e terminando com os últimos anos da União Soviética.

A visão histórica da literatura foi um traço peculiar de sua obra desde os primeiros trabalhos universitários. A combinação da análise filológica e histórica lhe concedia um caráter sistemático: cada fenômeno era visto em seu contexto histórico-social e artístico, ou seja, analisado a partir de vários aspectos. Posteriormente, os estudos de Lotman foram enriquecidos pela metodologia linguística, psicológica, estruturalista, semiótica e de muitas outras ciências e ganharam sua principal característica: a interdisciplinaridade. As atividades de Lotman como professor universitário também tiveram um papel substancial em sua obra.

Além disso, atentemos para o caráter ambíguo dos interesses científicos de Lotman: por um lado, o interesse por fenômenos precisos, definidos e fundamentados e, por outro, por processos ocasionais e inesperados (explosões). De um lado, ele era

atraído pelas figuras centrais da literatura russa (tais como Púchkin, Liérmontov, Gógol, Dostoiévski, entre outros); de outro, sempre aspirava a estudar os personagens desconhecidos, como é o caso de Andrei Kaissárov.

Referências bibliográficas

Berdiáev, N. *A Ideia Russa (Rússkaia Idiéia)*. Tradução: Edelcio Américo.

<http://lib.rus.ec/b/121191/read#t1>

Kisselióva, L. N. “Lotman como Chefe do Departamento de Literatura Russa” (“Iu. M. Lotman – Zaviédiuchi Káfedroi Rússkoi Literatury”). 2003.

<http://www.ruthenia.ru/lotman/txt/kiseleva03a.html>

_____. “A Atividade Acadêmica de Iu. M. Lotman na Universidade de Tártu” (“Akademícheskaia Diéiatelnost Iu. M. Lotmana v Tártuskom Universitiéte”).

<http://www.ruthenia.ru/lotman/txt/kiseleva96.html>

Likhatchiov, D. “Os Mitos sobre a Rússia, Antigos e Novos” (“Mify o Rossii, Starye e Nove”). In: Likhatchiov, D. *Reflexões sobre a Rússia (Razdúmia o Rossii)*, 1999.

<http://www.lihachev.ru/nauka/kulturologiya/biblio/1933>

Lotman, Iu. “A Simbologia de São Petersburgo e os Problemas da Semiótica da Cidade” (“Simvólíka Peterburga i Problíemy Semiótiki Góroda”). In: *História e Tipologia da Cultura Russa (Istória i Tipológuia Rússkoi Kultúry)*. São Petersburgo: Iskússtvo-SPB, 2002, p. 208-221. (A tradução deste ensaio para o português foi feita por Edelcio Américo em sua dissertação de mestrado, *Texto de São Petersburgo na Literatura Russa*. São Paulo: USP, 2006.)

_____. *Cultura e Explosão. (Kulúra i Vzryv)*. Moscou: Gnozis, 1992(a).

_____. *Conversas sobre a Cultura Russa (Bessiédý o Rússkoi Kultúre)*. São Petersburgo: Iskússtvo-SPB, 1994.

_____. *Não-memórias (Ne-memuáry)*. 1992.

<http://www.ruthenia.ru/lotman/mem1/Lotmanne-memuary.html>

_____. “No Limiar do Imprevisível” (“Na Porógue Nepredskazúemogo”), 1993.

<http://vivovoco.rsl.ru/VV/PAPERS/ECCE/INTERLOT.HTM>

_____. “Nikolai Ivánovitch Mordóvtchenko. Notas sobre a Individualidade Artística do Cientista” (“Nikolai Ivánovitch Mordóvtchenko. Zapísiki o Tvórtcheskoi Individuálnosti Utchiónogo”). In: *A Educação da Alma (Vosnumanie Dúuuu)*. São Petersburgo: 2003, p. 68-73.

_____. *The Universe of the Mind: a Semiotic Theory of Culture*. London/New York: I. B. Tauris & Co. Ltd., 1990.

Machado, Irene. *Escola de Semiótica – A Experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Pires Ferreira, J. “Cultura É Memória”. In: *Revista USP*, São Paulo (24), dezembro/fevereiro 1994/95.

Uspiński, B. A. “O Problema de Gênese da Escola Semiótica de Tártu-Moscou”. (“K Probléme Genézissa Tártusko-Moskóvskoi Semiotítcheskoi Chkoly”). In: *Iu. M. Lotman e a Escola Semiótica de Tártu-Moscou (Iu. M. Lotman i Tártusko-Moskóvskaia Semiotítcheskaia Chkola)*. Volume II. Moscou: 1994.